



RELICI

O CINEMA ANTIBELICISTA DE STANLEY KUBRICK: “NASCIDO PARA MATAR” (1987)¹

STANLEY KUBRICK'S ANTI-WAR CINEMA: “FULL METAL JACKET” (1987)

Bruno José Yashinishi²

RESUMO

O presente artigo trata do tema da guerra nos filmes de Stanley Kubrick (1928-1999), mais precisamente, do seu cinema antibelicista. Durante sua carreira, o consagrado diretor estadunidense realizou diversos filmes sobre diferentes guerras. Todos eles têm em comum retratar a guerra como algo absurdo, violento e catastrófico, assim como representar personagens desajustados e as sequelas do militarismo em suas saúdes físicas e psicológicas. “Nascido para matar”, de 1987, foi o penúltimo filme de Kubrick e trata da Guerra do Vietnã. Esse tema, tão batido por outras obras anteriores, foi abordado por Kubrick de uma forma muito particular, com as assinaturas do diretor. Mas, “Nascido para matar” é um filme antibelicista? Esse artigo objetiva promover respostas a essa questão.

Palavras-chave: Stanley Kubrick, Nascido para matar, filme de guerra, Vietnã.

ABSTRACT

This article deals with the theme of war in Stanley Kubrick's films (1928-1999), more precisely, his antiwar cinema. During his career, the renowned American director made several films about different wars. They all have in common portraying war as something absurd, violent and catastrophic, as well as portraying misfit characters and the consequences of militarism on their physical and psychological health. “Full Metal Jacket”, from 1987, was Kubrick's penultimate film and deals with the Vietnam War. This theme, so beaten by other previous works, was approached by Kubrick in a very particular way, with the director's signatures. But is “Full Metal Jacket” an antiwar film? This article aims to provide answers to this question.

¹ Recebido em 16/01/2023. Aprovado em 21/01/2023. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.7772195

² Universidade Estadual de Ponta Grossa. yashinishibruno@outlook.com



RELICI

Keywords: Stanley Kubrick, Full Metal Jacket, war movie, Vietnam.

INTRODUÇÃO

O diretor estadunidense Stanley Kubrick (1928-1999) é considerado como um dos maiores realizadores de cinema de todo século XX. Ainda que relativamente tenha uma curta filmografia, Kubrick eternizou grandes clássicos como “2001: uma odisseia no espaço” (1968), “Laranja Mecânica” (1971) ou “O iluminado” (1980).

Os temas abordados nos filmes de Kubrick são considerados “complexos” por alguns críticos de cinema, justamente por retratarem de forma maniqueísta a condição humana e as questões sociais. As estórias, enredos e personagens de seus filmes sempre são ilustrados sob a dicotomia entre o bem e o mal expressa, acima de tudo, de maneira não verbal (DUNCAN, 2011).

A genialidade e sensibilidade artística de Stanley Kubrick fizeram com que, a partir dos anos 1960, quando considerou ter atingido maturidade criativa, ele dirigisse filmes em gêneros variados ao longo de sua carreira, como ficção científica e distopia (“2001”; “Laranja Mecânica”); drama e comédia de costumes (“De olhos bem fechados”; “Lolita”); terror (“O iluminado”); filme histórico (“Barry Lyndon”); e de guerra (“Dr. Fantástico”, “Nascido para matar”).

O presente artigo pretende fazer uma análise desse último gênero no cinema de Kubrick, de forma particular, no filme “Nascido para matar”³, de 1987, que trata da Guerra do Vietnã, ocorrida no contexto da Guerra Fria.

GUERRAS E ANTIGUERRAS NOS FILMES DE KUBRICK

A primeira aproximação de Kubrick com as imagens foi através da fotografia. Por quatro anos foi empregado como fotógrafo da revista “Look” e gradativamente

³ Título original: “Full Metal Jacket”. A tradução “Nascido para matar” deve-se a uma inscrição no capacete do personagem principal do filme.



RELICI

desenvolveu a técnica de contar pequenas histórias em sequências de fotografias, produzindo vários trabalhos em fotos ensaios e fotojornalismo. Concomitantemente desenvolveu seu interesse pelo cinema e, a partir de 1951, com 23 anos de idade, Kubrick começou a produzir curtas-metragens, como “Day of the Fight” (1951) e “Flying Padre” (1951).

Angariando recursos próprios, através de empréstimos com familiares e de prêmios em dinheiro que recebia em campeonatos de xadrez, Kubrick conseguiu financiar seu primeiro longa-metragem em 1953, intitulado “Fear and Desire” (ANTÓNIO, 2010). Além de seu primeiro filme, também foi o primeiro de sua carreira a abordar, ainda que em segundo plano, o tema da guerra. “A narrativa tratou de uma guerra virtual em um país desconhecido” (DROGUETT, 2014, p. 38).

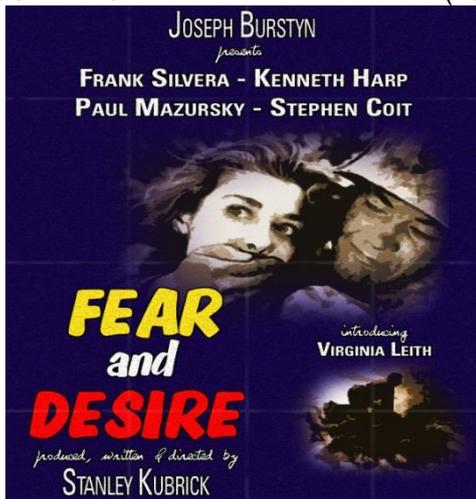
“Fear and Desire” conta a história de quatro soldados que se encontram por detrás das linhas inimigas após a queda de seu avião e precisam regressar a casa. No caminho, os soldados encontram uma moça que desperta neles os mais primitivos instintos. Algum tempo depois do lançamento desse filme, o próprio Kubrick quis tirá-lo de circulação. Para o diretor: “‘Fear and Desire’ era um filme que não prestava, era muito inibido. Percebia-se facilmente que era um esforço intelectual, mas que tinha sido feito de maneira muito imperfeita, pobre e ineficaz”. (KUBRICK, 1999)⁴. Apesar dessa autocrítica, “Fear and Desire” apresenta elementos característicos da filmografia de Kubrick com relação à guerra: o antimilitarismo e a desumanização dos seres humanos (ANTÓNIO, 2010). Elementos que serão ainda mais explorados em filmes posteriores do diretor.

⁴ KUBRICK, Stanley. The Odyssey begins. [9 de abril, 1999]. **Entertainment Weekly**. Entrevista concedida a Robert Emmett Ginna.



RELICI

FIGURA 1: Cartaz de “Fear and Desire” (1953)



Fonte: <https://mag.sapo.pt/cinema/filmes/fear-and-desire>. Acesso em 10 jan. 2023.

FIGURA 2: Virginia Leith como a garota e Paul Mazursky como o soldado Sidney



Fonte: <https://3brothersfilm.com/blog/2018/11/22/review-fear-and-desire-1953>. Acesso em 10 jan. 2023.

O segundo filme de Kubrick a abordar o tema da guerra foi “Glória feita de sangue”, de 1957, onde o ator Kirk Douglas foi escalado para o papel principal, além de tomar parte dos lucros e da produção da obra. Desta vez, a crítica às situações deploráveis e paradoxos morais da questão bélica foi ilustrada de forma bem mais contundente. O filme se passa em 1916 durante a I Guerra Mundial, onde três soldados franceses são condenados ao fuzilamento por serem considerados covardes e traidores da nação. “Glória feita de sangue” foi considerado uma inovação no sentido técnico com o modo em que foi filmado, embora tenha causado polêmica, sobretudo na França, por tratar o lado negativo da guerra e apresentar as situações desumanas dos soldados nas trincheiras (DUNCAN, 2011).



RELICI

FIGURA 3: Capa do filme “Glória feita de sangue” (1957)



Fonte:
<https://www.cafecomfilme.com.br/filmes/gloria-feita-de-sangue>. Acesso em 10 jan. 2023.

FIGURA 4: Kirk Douglas como coronel Dax nas trincheiras



Fonte:
<http://www.moss.com.br/paths-of-glory-1957/>. Acesso em 10 jan. 2023.

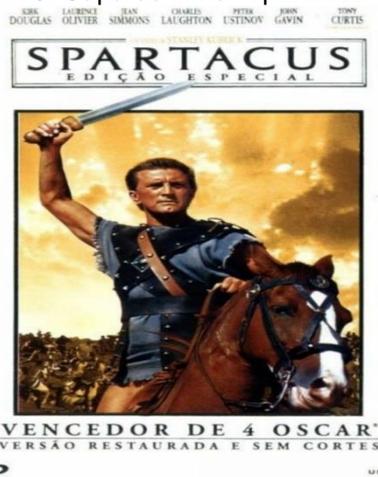
Representações da guerra foram retomadas por Kubrick em “Spartacus”, de 1960. Novamente em parceria com Kirk Douglas, em uma relação bastante conturbada nas questões de produção e artísticas, o filme tornou-se um épico do cinema ao retratar a história de Spartacus, um escravo romano que por volta de 71 a. C se tornou gladiador e luta para conseguir sua liberdade.

O tom antibelicista presente em “Spartacus” pode ser notado em sua temática sobre a vida e a liberdade humana. Na observação de Druguett (2014, p.88): “[...] este é o eixo principal de “Spartacus”, liberdade que pode ser barrada ou protegida por meio de diversas formas organizativas dos Estados [...]”.



RELICI

FIGURA 5: Capa do filme “Spartacus” (1960)



Fonte:
<https://www.cafecomfilme.com.br/filmes/spartacus-1960>. Acesso em 10 jan. 2023.

FIGURA 6: Kirk Douglas como Spartacus na guerra



Fonte:
<http://www.moss.com.br/paths-of-glory-1957/>. Acesso em 10 jan. 2023.

Em 1964, um filme que representa a maturidade cinematográfica de Kubrick foi “Dr. Fantástico”⁵, ambientado no contexto da Guerra Fria e que trata justamente desse tema e da paranoia nuclear vivida durante os anos 1960 e 1970. O filme tem sua narrativa polarizada em três cenários diferentes: uma base militar norte americana, a sala redonda do Pentágono e o interior de um avião bombardeiro (ERRIGO, 2008).

O desenrolar do filme basicamente compõe-se dos acontecimentos simultâneos nessas três locações e as trapalhadas de seus personagens num clima de tensão total se não fosse pelo sarcasmo, ironia e humor satírico de Kubrick. A narrativa de “Doutor Fantástico” permite detectar que o filme foi capaz de captar toda a paranoia em torno da Guerra Fria e possível deflagração de uma guerra nuclear entre os países capitalistas, liderados pelos EUA e os socialistas, liderados pela URSS, expondo ao ridículo e absurdo as situações de guerra. Para Duncan (2011,

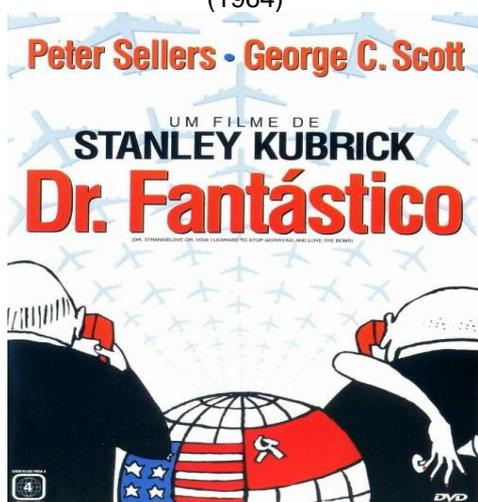
⁵ Título original em inglês: “Dr. Strangelove or: how I learned to stop worrying and love the bomb”. Em português: “Dr. Fantástico ou como aprendi a me preocupar e amar a bomba”.



RELICI

p. 87): “Este é talvez o mais pessimista dos filmes de Kubrick, como “Glória feita de sangue”, mostra uma sociedade masculina que perde o controle do mundo”.

FIGURA 7: Capa do filme “Dr. Fantástico” (1964)



Fonte:
<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-680/Acesso em 10 jan. 2023.>

FIGURA 8: Slim Pickens como major Kong montado na bomba atômica



Fonte:
<https://ensinarhistoria.com.br/dr-fantastico-o-filme-que-ridicularizou-guerra-fria/>. Acesso em 10 jan. 2023.

Em “Barry Lyndon”, de 1975, o tema da guerra volta a ser abordado por Kubrick, ainda que também em segundo plano. Durante o século XVIII, na Irlanda, Redmond Barry (Ryan O’Neal) se apaixona por uma prima e se envolve em um conflito com o pretendente da moça. Acreditando ter assassinado seu rival, Barry foge de sua cidade, mas é obrigado a se alistar no exército e participa da Guerra dos Sete Anos. Os eventos que se sucedem apresentam não apenas os dramas de Barry, mas também os conflitos de sua vida militar.



RELICI

FIGURA 9: Capa do filme “Barry Lyndon” (1975)



Fonte:
<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-135/fotos/detalhe/?cmediafile=9001692544>.
Acesso em 10 jan. 2023.

FIGURA 10: Exército inglês na Guerra dos Sete Anos



Fonte:
<https://www.bloccostudentesco.org/2021/07/05/bs-barry-lyndon-storia-di-vita-amore-e-guerra/>.
Acesso em 10 jan. 2023.

Apesar de representar diferentes guerras e personagens em diversos contextos, esses filmes de Kubrick têm em comum o teor antibelicista. Não são filmes que enaltecem fatos ou heróis de guerra, como faz grande parte das produções desse gênero no cinema estadunidense. Muito pelo contrário. São filmes que apresentam representações dos horrores da guerra, não apenas para a sociedade, mas, sobretudo, para a personalidade, a saúde mental dos envolvidos nos conflitos e o horror proporcionado à alma humana.

A GUERRA DO VIETNÃ SOB AS LENTES DE KUBRICK

Após a Guerra da Indochina (1946-1954), o Vietnã tornou-se independente e seu território foi dividido em dois países: o Vietnã do Norte, socialista e o Vietnã do Sul, uma ditadura militar apoiada pelos EUA. Em 1959, a Frente de Libertação Nacional (FLN), organização dos comunistas do Vietnã do Sul objetivou a unificação dos dois países sobre o domínio do governo socialista do norte. Para tanto, a FLN



RELICI

criou um grupo armado chamado de “exército vietcongue” com o intuito de depor a ditadura do Vietnã do Sul e iniciou uma intensa guerra civil (PETTA; OJEDA, 1999).

Em 1965 se iniciou a intervenção militar aberta dos EUA. O então presidente norte americano Lyndon Johnson enviou tropas para conter os conflitos vietnamitas, mas a intervenção dos EUA só piorou a situação e fez com que a guerra passasse a ser entre o Vietnã do Norte e os norte-americanos.

A Guerra do Vietnã desmoralizou e dividiu a nação, em meio as cenas televisadas de motins e manifestações contra a guerra; destruiu um presidente americano; levou a uma derrota e retirada universalmente previstas após dez anos (1965-1975); e o que interessa mais, demonstrou o isolamento dos EUA. Pois nenhum de seus aliados europeus mandou sequer contingentes nominais de tropas para lutar junto às suas forças (HOBSBAWM, 1995, p. 240).

O conflito durou dez anos e apesar do forte armamento utilizado pelos EUA os vietcongues saíram vencedores trazendo um dos maiores constrangimentos da história norte-americana: “A resistência de uma pequena nação aos ataques da maior potência mundial, munida da mais alta tecnologia de guerra, sensibilizava a opinião pública americana e desgastava a imagem dos EUA no mundo todo” (VALLADARES; BERBEL, 1994).

Evidentemente, a Guerra do Vietnã não causou apenas impactos militares e econômicos, mas também marcou drasticamente a sociedade e cultura no século XX. No cinema, por exemplo, grandes filmes abordaram os horrores e contradições das ações estadunidenses em solo vietnamita, tais como “Apocalypse Now” (1979), de Francis Ford Coppola; “Platoon” (1986), de Oliver Stone; “Bom dia Vietnã” (1987), de Barry Levinson, entre tantos outros. De acordo com Eric Hobsbawm:

Por que os EUA foram se envolver numa guerra condenada, contra a qual seus aliados, os neutros e até a URSS os tinham avisado, é quase impossível compreender, a não ser como parte daquela densa nuvem de incompreensão, confusão e paranoia dentro da qual os principais atores da Guerra Fria Tateavam o caminho (1995, p. 241).



RELICI

É no interior dessa nuvem de confusão, incompreensão e paranoia, que as lentes de Stanley Kubrick decidiram realizar “Nascido para matar”. O filme permite uma narrativa histórica que retrata os efeitos devastadores da guerra do Vietnã como os violentos massacres e opressão dos vietnamitas por parte dos soldados norte-americanos. Além disso, mostra situações de desvantagem em que os militares estadunidenses estavam submetidos e o quanto faziam uso de drogas, cigarros e sexo com prostitutas para aliviar as tensões.

Esses elementos narrativos também estão presentes nos outros filmes supracitados. Então o que os diferencia de “Nascido para matar”? Havia mais coisas a serem ditas sobre a fracassada guerra que ainda paira como uma sombra vexaminosa para os estadunidenses? Afinal, qual o objetivo do filme de Kubrick? Qual o interesse de Kubrick pela Guerra do Vietnã, já tão retratada em filmes anteriores? Talvez Michel Ciment consiga responder a essas questões:

Nesse sentido, a escolha do Vietnã como quadro do seu novo filme não poderia surpreender. O cineasta sempre se interessou por fraturas históricas [...] Kubrick foi criticado, em determinados meios, por “Nascido para matar” ser um filme antiamericano, mas isso não significa não compreender a proposta do cineasta, que se recusa a fazer o menor juízo moral [...] “Nascido para matar” propõe um olhar clínico sobre a realidade (CIMENT, 2013, p. 201).

Essa recusa do cineasta em fazer juízo de seu próprio filme é justamente um convite para que os espectadores o façam. Esse olhar clínico sobre a realidade é compreender a mensagem direta trazida por “Nascido para matar” a respeito da Guerra do Vietnã sob as lentes do diretor.

“NASCIDO PARA MATAR”: UM FILME ANTIBELICISTA?

O filme “Nascido para matar” foi inspirado no romance de Gustav Harford, “The short times” e tem sua narrativa dividida em duas partes principais. Na primeira parte a trama se desenrola no interior de um campo de treinamento da marinha em



RELICI

Paris Island, no estado da Virginia. O sargento Hartman (Lee Erney) é responsável por treinar os recrutas de forma árdua, sempre promovendo um ambiente de tensão e de violência física e psicológica. Esse treinamento funciona como uma legítima lavagem cerebral e pretende desumanizar os militares a ponto de torná-los verdadeiras máquinas de matar (ANTÔNIO, 2010).

Dentre os recrutas destacam-se o jovem jornalista apelidado pelo sargento de “Jocker” (Matthew Modine) e o desajeitado Gomer “Pyle” (Vincent D`Onofrio), que apesar de aloprado, acaba se mostrando um excelente atirador. Durante o período de treinamento rigoroso e desumano comandado por Hartman, Pyle é o que mais sofre perseguição e humilhações, inclusive de seus próprios companheiros. A certa altura da trama, depois da graduação dos recrutas, Pyle enlouquece, mata Hartman a sangue frio e depois tira sua própria vida com um tiro na boca.

FIGURA 11: Capa original do filme “Nascido para matar” (1987)



Fonte:
<https://www.adorocinema.com/filmes/filme2749/fotos/detalhe/?cmediafile=1000004128>.
Acesso em 10 jan. 2023.

FIGURA 12: Lee Erney como sargento Hartman no treinamento dos recrutas



Fonte:
<https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade79645/fotos/detalhe/?cmediafile=19124327>.
Acesso em 10 jan. 2023.



RELICI

FIGURA 13: O soldado Jocker e o sargento Hartman



Fonte:
<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-2749/fotos/detalhe/?cmediafile=19893817>. Acesso em 10 jan. 2023.

FIGURA 14: O soldado Pyle enlouquece após os treinamento militar



Fonte:
<http://emotionmovies.blogspot.com/2009/05/nascido-para-matar.html>. Acesso em 10 jan. 2023.

A segunda parte do filme se passa já no Vietnã, para onde os soldados foram enviados em missão de guerra. Os militares cumprem suas missões de forma brutal, destruindo cidades por onde passam, perseguindo e matando civis e se confrontando diretamente com soldados vietnamitas. Jocker acompanha tudo com seus registros fotográficos.

Depois de diversos confrontos e muita destruição, Jocker e seus companheiros caem em uma emboscada dentro de uma cidade em ruínas. O pelotão torna-se alvo fácil de um franco-atirador escondido em meio aos escombros de um prédio. Avançando com cautela, os soldados descobrem que o atirador é na verdade uma jovem vietnamita que, embora pareça frágil, assassinou três deles com tiros certos e colocou a vida de todos em risco. Jocker é o único que consegue se aproximar da atiradora e fica responsável por matá-la, vingando a morte de seus amigos. Na cena final do filme, o pelotão segue adiante em sua missão cantando uma música do “Clube do Mickey Mouse”.



RELICI

FIGURA 15: Os soldados e uma prostituta vietnamita



Fonte:
<https://50anosdefilmes.com.br/1988/nascido-para-matar-full-metal-jacket/>. Acesso em 10 jan. 2023.

FIGURA 16: Jocker em campo de batalha com o capacete escrito "Born to kill"



Fonte:
<https://50anosdefilmes.com.br/1988/nascido-para-matar-full-metal-jacket/>. Acesso em 10 jan. 2023.

FIGURA 17: Os soldados em campo de batalha atingidos pela atiradora



Fonte:
<https://www.papodecinema.com.br/filmes/nascido-para-matar/Acesso em 10 jan. 2023.>

FIGURA 18: A atiradora vietnamita



Fonte:
<https://shop12602.jagisa.net/category?name=full%20metal%20jacket%20sniper>. Acesso em 10 jan. 2023.



RELICI

Claro que muito do que o filme representa se deve ao livro de Harford que o inspirou. No entanto, o próprio Kubrick em entrevista a Michel Ciment⁶ expôs sua opinião sobre o panorama da guerra no livro: “O livro não trazia nenhuma solução moral ou política fácil, não era nem a favor nem contra a guerra. Parecia só se interessar pela realidade das coisas” (KUBRICK, 2010. p. 213).

Apesar de declarar que tentou manter esse não dualismo sobre a questão bélica do livro na adaptação cinematográfica, fica claro que a “assinatura” do diretor transcrita no audiovisual fez com que o filme tomasse o rumo antibelicista. Nas palavras de Kubrick:

Não vejo os personagens do filme em termos de bem ou de mal, e sim de bem e mal. Posso entender a concepção cínica que os soldados tinham da guerra, e que não conseguiam se comunicar humanamente com os vietnamitas, considerando-os antes de tudo, putas, cafetões ou vietcongues. Eles não estavam culturalmente preparados para enfrentar a situação na qual se encontraram e saber que cada homem, cada mulher, cada criança podia ser um vietcongue não melhorava as coisas. As tropas sabiam que não havia esperança na guerra e que as pessoas em casa recebiam uma imagem falsa dela. A guerra era um mal, os soldados e civis eram suas vítimas (2013, p. 213).

Diante de toda a narrativa cinematográfica da obra, “Nascido para matar” apresenta de forma crua uma visão contrária à guerra do Vietnã. Como já mencionado, o tema da guerra é revisitado por Kubrick de forma bem mais direta, madura e elaborada.

A guerra continua a ser uma monstruosidade que aniquila o ser humano. A mente humana continua a ser um dos territórios de eleição de Kubrick e o labirinto onde ela se perde, tal como em “O iluminado”, demonstra bem os caminhos perversos de uma sociedade convulsionada e perturbada por traumas impostos por um poder despótico (ANTÓNIO, 2010, p. 197).

⁶ KUBRICK, S. Stanley Kubrick: “Stanley Kubrick sobre “Nascido para matar”.” [Entrevista cedida a] Michel Ciment. *In*: CIMENT, Michel. **Conversas com Kubrick**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 213-219.



RELICI

Em pelo menos dois pontos principais, “Nascido para matar” expõe aos espectadores suas mensagens antibelicistas: a desumanização das personagens e a transformação das pessoas em assassinos de seus semelhantes. Paul Duncan (2010) analisa o filme em três atos e auxilia no processo de identificação dos pontos supracitados.

“O objetivo do primeiro terço do filme é mostrar como as pessoas são treinadas para serem assassinas” (DUNCAN, 2010, p. 175). Esse treinamento é ríspido e totalmente desumanizador⁷, ao passo que confere aos indivíduos a perda de suas identidades (por isso são tratados por apelidos), incita o tratamento das armas pessoais como amantes dos recrutas (dando nomes femininos às armas) e leva a tal ponto da exaustão mental que o soldado Pyle enlouquece, mata o sargento e se suicida.

“O segundo terço mostra-nos o soldado Jocker como um jornalista a testemunhar as coisas más que aconteciam no Vietnã” (DUNCAN, 2010, p. 175). Nessas cenas é possível notar que, apesar de todo o treinamento, na prática, os soldados não sabem lidar direito com as situações em campo de batalha. A decisão de matar ou não acaba recaindo sobre cada combatente, de forma particular, contrariando a disciplina aprendida que motiva a coletividade do pelotão.

“O último terço mostra a transformação das pessoas em assassinos” (DUNCAN, 2010, p. 175). Acompanhando a desumanização, a guerra acaba tornando necessariamente os personagens em assassinos frios e cruéis. Principalmente nas últimas cenas, quando a jovem vietnamita apresenta-se como atiradora certa, apesar de aparentar pouca idade e inocência, ou quando Jocker, que durante o filme aparentava prezar pela humanidade e cumprir apenas sua

⁷ Vale destacar que logo na primeira cena do filme, os recrutas são mostrados tendo suas cabeças raspadas ao som de “Hello Vietnam” (1965), de Johnny Wright. Essa é uma metáfora do processo de desumanização e perda da identidade pessoal.



RELICI

missão jornalística em primeiro momento, acaba matando a inimiga com um tiro de fuzil no rosto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Stanley Kubrick foi um dos cineastas que melhor conseguiu transpor o tema da guerra e as questões antibelicistas em sua filmografia. Desde as guerras dos gladiadores romanos até o confronto entre EUA e Vietnã, a desumanização, perda da identidade, a violência e loucura são retratadas de forma bastante particular sob a direção de Kubrick transmitindo, cada filme a seu modo, mensagens sobre os absurdos dos conflitos bélicos.

Em “Nascido para matar”, a guerra do Vietnã toma proporções diferentes daquelas apresentadas em outros filmes sobre o mesmo tema. Ainda que boa parte das grandes produções de Hollywood sobre esse sangrento conflito o apresentem como sem sentido, covarde e até mesmo esquizofrênico, é no filme de Kubrick que ocorre uma profunda análise da personalidade humana frente ao caos e a necessidade de matar ou morrer a qualquer custo.

Personagens memoráveis como o sargento Hartman, Jocker, Pyle, “Snowball”, “Cowboy” ou a atiradora vietnamita servem como ilustração e metáfora das situações deploráveis em que os seres humanos estiveram submetidos durante os anos de guerra no Vietnã. Além disso, todo arsenal técnico, artístico, sonoro e visual do filme contribuem com a atmosfera de um ambiente marcado pelo sofrimento, pela dor e pela morte. O Vietnã ou qualquer outra guerra não passaram despercebidas pelas lentes críticas, profundas e perspicazes de Kubrick, sobretudo, sobre a natureza ou condição humana.



RELICI

REFERÊNCIAS

ANTÓNIO, Lauro. **Temas de cinema**: David Griffith; Orson Welles; Stanley Kubrick. Lisboa: Dinalivro, 2010.

CIMENT, Michel. **Conversas com Kubrick**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

DROGUETT, Juan Guillermo. **O gênio atrás da lente**: percurso filmográfico do desejo na obra de Stanley Kubrick. São Paulo: B4 Editores, 2014.

DUNCAN, Paul. **Stanley Kubrick**: a filmografia completa. Lisboa: Taschen, 2011.

ERRIGO, Angela. Dr. Fantástico ou como aprendi a me preocupar e amar a bomba (1964). In: SCHNEIDER, Steven Jay (Ed.). **1001 filmes para ver antes de morrer**. Tradução de Carlos Irineu da Costa, Fabiano Moraes e Livia Almeida. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p. 428-429.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1941-1991. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PETTA, Nicolina Luiza de. OJEDA, Eduardo Aparicio Baez. **História**: uma abordagem integrada: volume único. São Paulo: Moderna, 1999.

VALLADARES, Eduardo; BERBEL, Márcia. **Revoluções do século XX**. São Paulo: Scipione, 1994.